

Mais evidências para a hipótese de Loukotka (1963, 1968)

Gabriel Barros Viana de OLIVEIRA (LALLI/UnB)
Ana Suelly Arruda Câmara CABRAL (LALLI/UnB)

RESUMO

Apresentamos evidências adicionais para a hipótese genética de Loukotka (1963, 1968), segundo a qual a família linguística Jabutí seria constituída por três línguas-irmãs – Djeoromitxí, Arikapú e Maxubí. Para tanto, fazemos uma comparação entre o Maxubí (Rivet, 1953), o Djeoromitxí (M. Ribeiro, 2008; Cabral & Oliveira, notas de campo) e o Arikapú (R. Ribeiro, 2008; van der Voort et al., 2010), com base nos procedimentos do Método Histórico-Comparativo (cf. Anttila, 1972; Campbell, 2013; Kaufman, 1990). Mostramos, por meio de evidências lexicais e fonológicas extraídas do limitado *corpus* comparativo com o qual trabalhamos, que o Maxubí é uma terceira língua da referida unidade genética, não sendo assim, de fato, Arikapú, como proposto por Caspar (1955) e van der Voort (2012), apesar de ser uma língua geneticamente mais próxima desta do que do Djeoromitxí. Por fim, esboçamos uma representação arbórea da família Jabutí.

Palavras-chave: Maxubí; Família Jabutí; Método Histórico-Comparativo.

INTRODUÇÃO

A família Jabutí, cujas línguas constituintes são o Djeromitxí, o Arikapú e o Maxubí, é uma pequena família linguística do sul de Rondônia. Sua afiliação genética com outros agrupamentos genéticos é tema de interesse entre os linguistas históricos dedicados às línguas indígenas da América do Sul. Rodrigues (1999) e Kaufman (1990, 1994) não incluem a família Jabutí no tronco Macro-Jê, enquanto que Greenberg (1987), E. Ribeiro (2006) e van der Voort & E. Ribeiro (2010) consideram essa família geneticamente relacionada ao tronco Macro-Jê. Os falantes da língua Jabutí localizam-se nas Terra Indígena Rio Branco e Terra Indígena Rio Guaporé, estado de Rondônia. As duas línguas sobreviventes, Djeromitxí e Arikapú, se encontram bastante ameaçadas, tendo o Djeromitxí menos de 20 falantes fluentes e o Arikapú apenas uma última falante, que não tem transmitido a sua língua nativa. A terceira língua, Maxubí, que é foco do presente estudo, já foi extinta, provavelmente em meados da década de 20 do século passado.

Uma das questões que com certeza mais tem intrigado os estudiosos da família Jabutí é o estatuto do povo/da língua Maxubí. Estes índios foram contatados em 1914 por Percy H. Fawcett,

um coronel inglês contratado pelo governo da Bolívia durante a década de 20 do século passado para explorar a fronteira brasileira-boliviana. Fawcett (1915, 1953) nos relata como se deu este contato. Após vagar por três semanas dentro de mata fechada, ele se depara com os Maxubí, um grupo de índios isolados que nunca haviam visto um homem branco, os quais habitavam a margem direita do Rio Guaporé. Fawcett e seus companheiros ficam um breve tempo com os Maxubí, com os quais puderam aprender aspectos de sua cosmovisão, organização social, cultura material e espiritual, inclusive puderam presenciar uma cerimônia mortuária e um ritual de pajelança. Depois da comitiva de Fawcett partir, os Maxubí nunca mais foram vistos por ocidentais, sendo os registros feitos por Fawcett os únicos registros desse povo. Esses registros são: a) breves notas etnográficas; b) algumas fotos; e c) uma pequena lista de palavras. Essa lista só viria à luz para a comunidade científica em 1953, por iniciativa do antropólogo francês Paul Rivet (Rivet, 1953). Este autor teve acesso à lista do Maxubí através do antropólogo sueco Baron E. Nordenskiöld, que por sua vez teve acesso a lista por meio do próprio Fawcett, durante sua estadia em Rondônia (1913-1914) (cf. Nordenskiöld (1915).

O primeiro cientista a lidar diretamente com a língua Maxubí foi Paul Rivet, que a classifica como uma língua isolada (Rivet, 1924). Esta classificação se repete em seu trabalho de 1953 (Rivet, 1953), onde se tem pela primeira vez disponibilizada para a comunidade científica a lista de palavras do Maxubí coletada por Fawcett. Neste trabalho, o antropólogo francês compara o Maxubí com as línguas da família Chibcha. Ele encontra algumas similaridades entre o Maxubí e as línguas da família Chibcha e as atribui a contato linguístico e não a herança genética.

O segundo cientista a trabalhar diretamente com a língua Maxubí foi o linguista checo Chestmir Loukotka (1942, 1950), que, assim como Rivet (1924), classifica o Maxubí como uma língua isolada. Contudo, esta classificação não se repete em Loukotka (1963, 1968), que tendo agora em mãos dados das línguas Djeoromitxí e Arikapú¹, classifica o Maxubí como uma terceira língua da então chamada família Jabutí. Esta classificação foi seguida por diversos linguistas históricos de referência que trabalharam com classificação genética de línguas indígenas sul-americanas (*e.g.* A. Tovar & C. Tovar, 1984; Campbell, 1997; Dixon & Aikhenvald, 1999; Kaufman, 1990, 1994).

Em 1955, o antropólogo suíço Franz Caspar apresenta uma hipótese sobre o possível estatuto do povo Maxubí (Caspar, 1955). Segundo este autor, o povo dito Maxubí seria na verdade Arikapú, sendo conseqüentemente falante da língua Arikapú. Caspar faz uma comparação lexical entre os dados do Maxubí publicados por Rivet (1953) e os dados do Arikapú coletados por

¹ Não há informação sobre quem forneceu os dados do Djeoromitxí e do Arikapú Maxubi a Loukotka.

Snethlage (1934). Sua escolha de realizar uma comparação meramente lexical deve-se, segundo ele próprio, à escassez de dados etnográficos disponíveis sobre os Maxubí e sobre os demais índios da região sul de Rondônia. Sua comparação não segue os procedimentos do Método Histórico-Comparativo. Trata-se de uma comparação mais do tipo *look-alike*. Caspar identifica nos 99 morfemas lexicais que constituem a lista do Maxubí, conforme publicada por Rivet (Rivet, 1953), 39 formas que correspondentes aos fonemas Arikapú, mas não apresenta as correspondências fonológicas encontradas. Dos 39 formas, 24 seriam homomorfas a palavras Arikapú.

A hipótese de Caspar (1955) tem sido seguida pelo linguista Hein van der Voort (van der Voort, 2012), que reuniu dados de primeira mão das línguas Jabutí e procedeu uma comparação lexical entre o Arikapú, o Djeoromitxí e o Maxubí. A sua conclusão é que a língua Maxubí é, de fato, a língua Arikapú. Contudo, van der Voort, assim como Caspar (op. cit.), atêm-se a comparação lexical mais do tipo *look-alike*.

No presente estudo, apresentamos os resultados de uma comparação fonológico-lexical entre o Maxubí (Rivet, 1953), o Arikapú (R. Ribeiro, 2008; van der Voort et al., 2010) e o Djeoromitxí (M. Ribeiro, 2008; Cabral & Oliveira, notas de campo). As provas que reunimos foram frutos da pesquisa e análise embasadas nos procedimentos metodológicos do único método capaz de estabelecer relações genéticas entre línguas o Método Histórico-Comparativo (cf. Anttila, 1972; Campbell, 2013; Kaufman, 1990). Os resultados do estudo favorecem a hipótese de Loukotka (1963, 1968), segundo a qual o Maxubí seria o terceiro membro da família Jabutí, e desfavorecem, conseqüentemente, à hipótese de Caspar (1955) e van der Voort (2012), na qual a língua Maxubí é a língua Arikapú, sendo a família Jabutí constituída deste modo por dois membros – Djeoromitxí e Arikapú.

Demonstramos, *volens nolens*, e fundados no Método Histórico-Comparativo, que o Maxubí é uma terceira língua da família Jabutí. Obervamos que Loukotka (1963, 1968), mesmo tendo em mãos pouquíssimos dados das línguas Jabutí e nunca tendo feito trabalho de campo com seus falantes nativos, conseguiu propor uma hipótese de relacionamento genético que, a luz de novos dados e novos estudos, se prova verdadeira.

O trabalho encontra-se dividido em quatro seções. Na seção 1, apresentamos a lista de palavras do Maxubí (extraída de Rivet, 1953), acrescida de dois morfemas lexicais do manuscrito de Paris. Focalizamos os morfemas cognatos compartilhados por Maxubí, Arikapú e Djeoromitxí, com vistas a apresentar evidências lexicais para a inclusão do Maxubí como uma terceira língua da família Jabutí, bastante diferenciada a nível lexical em relação às demais línguas desta unidade genética, contudo mais próximo do Arikapú do que do Djeoromitxí. Na seção 2, mostramos as

correspondências sonoras encontradas no conjunto cognatos que conseguimos reunir, com vistas a validar as prováveis etimologias que apresentamos na seção anterior e a ressaltar, agora por meio de evidências fonológicas, que o Maxubí é uma terceira língua da família Jabutí e que de fato não é Arikapú, apesar de ser geneticamente mais próximo do Arikapú que do Djeoromitxí. Na seção 3, esboçamos um modelo arbóreo para a família Jabutí. Na seção 4, finalizamos com algumas conclusões acerca do estatuto da língua Maxubí e da constituição interna da família Jabutí.

1. UM OUTRO OLHAR SOBRE A LISTA DE PALAVRAS DO MAXUBÍ

Apresentamos a seguir (subseção 1.1) a lista de palavras do Maxubí de Rivet (1953), com uma modificação na ordem de apresentação dos morfemas lexicais na versão original. Incluímos também dois morfemas adicionais *karawa* ‘faca’ e *chinipiká* ‘joelho’, que embora não apareçam na lista publicada por Rivet, aparecem no manuscrito anônimo da lista de palavras do Maxubi que se encontra no Muséum national d’Histoire naturelle, em Paris. (cf. van der Voort, 2012, p. 4)². A organização da lista é a seguinte: a) na primeira coluna da tabela, temos a numeração dos morfemas lexicais; b) na segunda, temos as glosas em português; c) na terceira, temos as formas Maxubí dos morfemas; e d) na quarta, temos as formas Arikapú e Djeoromitxí extraídas respectivamente de R. Ribeiro (2008), van der Voort et al. (2010), M. Ribeiro (2008) e Cabral & Oliveira (notas de campo). Adotamos essa disposição da lista, em forma de tabela, com as formas comparáveis nas outras línguas Jabutí ao lado, para melhor facilitar a comparação entre os morfemas Maxubí e Arikapú e Djeoromitxí.

Na subseção 1.2, mostramos alguns morfemas lexicais que excluímos da comparação por se apresentarem problemáticos, ou porque seu significado é tão impreciso que não conseguimos encontrar uma forma comprável nas demais línguas Jabutí, ou porque nós não sabemos de fato o que a sua glosa quer dizer. Na subseção 1.3, apresentamos um conjunto de prováveis cognatos compartilhados apenas pelo Maxubí e o Arikapú. Estas etimologias, além de constituírem evidências lexicais para a inclusão do Maxubí como uma terceira língua da família Jabutí, sugerem uma maior proximidade genética entre o Maxubí e o Arikapú do que entre o Maxubí e o

² Neste trabalho, van der Voort, após um intenso trabalho filológico, descobre a existência de dois manuscritos da lista do Maxubí coletada por Fawcett: a) uma cópia datilografada que se encontra no Museu Britânico, em Londres, e que se acredita ter sido feita pela esposa de Fawcett; b) uma cópia manuscrita que se encontra no Muséum national d’Histoire naturelle, em Paris, e que pertencia a Paul Rivet. Acreditamos na fidedignidade do trabalho filológico de van der Voort (op. cit.), apesar de discordarmos do resultado de sua comparação linguística. Por isso, resolvemos incluir estes dois morfemas lexicais que julgamos poderem ser úteis para o presente trabalho. O morfema *karawá* ‘faca’, embora apareça na lista do Maxubí publicada por Rivet (1953), mas com o significado ‘machado’, nós decidimos mantê-lo como uma nova entrada na lista aqui apresentada, em vez de apenas inserirmos o novo significado ‘faca’ na entrada em que ele já aparece (39), com vistas a ressaltar que este significado não ocorre na lista originalmente publicada por Rivet (idem), apenas no manuscrito de Paris.

Djeoromitxí. Na subseção 1.4, apresentamos propostas de etimologias que constituem evidências lexicais adicionais em favor da inclusão do Maxubí na família Jabutí, como membro independente. Na subseção 1.5, apresentamos formas Maxubí não cognatas com as demais línguas da família, as quais ilustram como o Maxubí é diferente das demais línguas Jabutí no nível lexical, inclusive apresentando alguns empréstimos Tupí-Mondé no seu vocabulário básico. Finalmente, na subseção 1.6, apresentamos uma síntese das evidências lexicais reunidas em favor da hipótese de que o Maxubi é uma língua independente da família Jabutí.

1.1 LISTA DE PALAVRAS DO MAXUBÍ

Abreviações:

Max = Maxubí (Rivet, 1953)

A1 = Arikapú (R. Ribeiro, 2008)

A2 = Arikapú (van der Voort et al., 2010)

D1 = Djeoromitxí (M. Ribeiro, 2008)

D2 = Djeoromitxí (Cabral e Oliveira, notas de campo)

1.	‘nome’	Max <abikoka>	A1 /tatʃi/, A2 /tatʃi/ ‘chamar, nome’; D1 /tʃhi/, D2 [tʃhí]
2.	‘quente’	Max <aikü>	A1 /kə/, A2 /kə/; D1 /hətɛrø/ ‘quente’
3.	‘olho’	Max <akarí>	A1 /hẽkarɛ/, A2 /hãkarɛ/; D1 /hʃka/, D2 [hʃ ^h ka]
4.	‘muito’	Max <’tä, añi>	
5.	‘matado’	Max <aripamú>	A1 /kamɔtʃi/ ‘corpo do morto, cadáver, defunto, finado, morrer’, /kʃ ⁿ də/ ‘flechar, matar, atingir’, /tẽmrẽ/ ‘matar’, /pi/ ‘morrer’; A2 /konə/ ‘matar, atirar, flechar’, /tẽmrẽ/ ‘matar a pancada, bater’, /kamɔtʃi/ ‘morto’; D1 /hi/ ‘matar’, /tʃ ^h mi/ ‘matar batendo’, /hahi/ ‘morrer’, D2 [tʃ ^h mí] ‘matar com a borduna, bater’, [hahi] ‘morrer’
6.	‘peru’	Max <arü>	
7.	‘chicha’	Max <averú>	A1 /tʃuɛrə/, A2 /tʃuɛrə/; D1 /hibzi/, D2 [hi ^h bzi]
8.	‘comer da comida’	Max <čibikoko>	A1 /ko/ ‘comer’, A2 /ku/ ‘comer, morder, mastigar, cheirar, tomar’; D1 /ko/, /po/ ‘comer’, D2 [ko] ‘comer’
9.	‘lábio’	Max <či-káti>	A1 / ⁿ duku/ ‘lábios’, A2 /nuku/ ‘boca e lábios’, /tʃokə/ ‘lábios, cuspe’; D1 /høkə/ ‘lábio inferior’, /hø ^h nokoka/ ‘lábio superior’, D2 [røk ^h ə] ‘lábios’
10.	‘campo cultivado’ (roça?)	Max <čiči>	A1 /ʒuruku/ ‘roça. capoeira’, A2 /kukuɛ/ ‘roça não queimada, feita no período chuvoso para plantar milho para mingau’, /mẽriko/ ‘milho, roça nova’, /uruku/ ‘roça’; D1 /uruku/ ‘roça’, D2 [dʒewɛtʃa ʒuru ^h ku] ‘minha roça’
11.	‘carrapato’	Max <čičika>	A1 /tʃitʃika/, A2 /tʃitʃika/; D1 /tʃitʃika/, D2 [tʃitʃi ^h ka]
12.	‘sututu (?)’	Max <či-kambü>, <menga>	
13.	‘morder’	Max <čikóko>	A1 /koko/, A2 /kuku/ ‘morder, ferir’, /ku/ ‘morder, mastigar, comer’; D1 /βɛkə/, D2 [βɛ ^h kə]
14.	‘filho’	Max <či-kombre>	A1 /kraj/ ‘filho’, /tʃokə/ ‘filho (chamado pelo pai)’;

			/wikɔkɔ/ ‘filho (usado somente para o sexo masculino’, A2 /kraj/ ‘filho, filha, filhote, criança’, /onɔkraj/ ‘menino, filho’, /tʃoko/ ‘filho’, /wikoko/ ‘filho’, /itɔj/ ‘filhos dos primos’; D1 /tə/ ‘filho’, /βikɔkɔ/ ‘filho’, /təkabu/ ‘filho mais novo’, /təpubz̄iro/ ‘filho mais velho’, /təporɛ/ ‘primeiro filho’, /təiti/ ‘último filho’, D2 [tʰɔ]
15.	‘panela’	Max <čimbíbi>	A1 /ʔoa/, A2 /ua/; D1 /oa/
16.	‘cabeça’	Max <či-mé>	A1 /kaɪ/, A2 /kaj/; D1 /kɔʃka/, D2 [kuã ^m ka]
17.	‘anta’	Max <čimoré>	A1 /nēwə̃/, A2 /nəwə̃/; D1 /hɔʃ/, /hɔə̃/, D2 [hoʔã]
18.	‘braço’	Max <či-niká>	A1 /tʃapa/, A2 /tʃapa/; D1 /hapa/, D2 [ʔaraʔa hi] ‘pêlo do braço’
19.	‘mão’	Max <či-nika-imũ>	A1 /nikaɪ/, A2 /nīkaj/ ‘mão, dedo’; D1 / ^ʔ nīhu/, D2 [nīhu]
20.	‘mulher’	Max <či-ninika>	A1 /pakoɛ/ ‘fêmea’, / ^m brɔɪ/ ‘mulherzinha’, / ⁿ du ⁿ duka/ ‘mulher (após a menstruação, adulta)’, A2 /pakuɛ/; D1 /pako/, D2 [paʔko]
21.	‘orelha’	Max <či-nipuré>	A1 /nipuarɔ/ ‘orelha’, A2 /nīpurɛ/ ‘brinco, orelha’, /nīpwaro/; D1 / ^ʔ nīpi/, D2 [nī ^m pi] ‘orelha’, [nī ^m piʔkʰɔ] ‘ouvido’
22.	‘ornamento das orelhas’	Max <či-nipurí>	A1 /nipurɛ/ ‘brinco’, A2 /nīpurɛ/ ‘brinco, orelha’, /konika/ ‘brinco (tipo grande redondo)’, /nīpũã/, /nīpikuɟ/, /nīpīrikanīka/ ‘brinco (tipo grande)’; D1 /tɔ ^ʔ nɔ/, D2 [tɔ ⁿ ɔ]
23.	‘caminho’	Max <čivi>, <vihi>	A1 /wi/ ‘caminho, linha’, A2 /wɪ/; D1 /βikɔ/ ‘estrada’, /βi/ ‘vereda’, D2 [wikɔ]
24.	‘Dioscorea (inhame)’	Max <čorimũ>	A2 /mu/
25.	‘contas’	Max <komba>	A2 /krahĩrĩð/ ‘miçangas, contas miúdas, minúsculas’, /kra prəjtʃi/ ‘um tipo maior de contas’
26.	‘cacau’	Max <kumbrí> ‘arachide’	A1 /ʔapɔɪratʃi/ ‘cacau-manso’, A2 /apijratʃi/ ‘cacau-do-mato’; D1 /bzietʃɛ/
27.	‘comer cacau!’	Max <kumbri-ko>	A1 /ʔapɔɪratʃi/ ‘cacau-manso’, /ko/ ‘comer’, A2 /apijratʃi/ ‘cacau-do-mato’, /ku/ ‘comer’; D1 /bzietʃɛ/ ‘cacau’, /ko/ ‘comer’, D2 [ko] ‘comer’
28.	‘porco’	Max <enatón>	A1 /koritʃi/ ‘porco’, /koritʃi ^m brɔɪ/, /koritʃi niwiɔ/, A2 /kuritʃi/ ‘queixada’; D1 /paħɛ/ ‘porco-caititu’, /paħɛriorɔ/ ‘porco-doméstico’, /paħɛri/ ‘porco-queixada’
29.	‘banana’	Max <erawače>	A1 /rawatʃi/ ‘banana (termo genérico)’, /rawatʃi tʃu rukrɛ/ ‘banana comprida’, /rawatʃi mɛũ/ ‘banana branca’, A2 /rawatʃi/; D1 /hɔʃtʃitə/ ‘banana (termo genérico)’, /bakɛo/ ‘banana-branca’, /hɔʃtʃitəkənɔrɔ/ ‘banana-branca’, /hɔʃtʃitəkuritʃi/ ‘banana-comprida’, /hɔari/ ‘banana-do-mato’
30.	‘flauta’	Max <erikóča>	A2 /məpə/ ‘flauta’, /məpəkraj/ ‘flauta curta’, /məpəɛhɔtʃi/ ‘flauta longa’, /məpəritio/ ‘flauta furada’, /mikraj məpə/ ‘flauta de Pã’, /turiru/ ‘flauta de quatro furos’; D1 /opə/, D2 [ʔopə];
31.	‘casa’	Max <erikoná>	A1 /rɛkɔ/, A2 /rɛko/; D1 /hikɔka/, D2 [hikɔka]
32.	‘moscas’	Max <huainoho>	A1 /ndɔdɔtʃi/ ‘mosca cabeça-branca’, /patʃi/ ‘carapanã, pernilongo’, /patʃi mɛũ/ ‘mosquito pequeno’, /patʃiɔ mɛũ

			‘tatuquira’, A2 /kutʃio/ ‘mosca-das-frutas’, /wɛrəmɾəj/ ‘mosca grande’, /patʃĩ/; D1 /kuɛnĩ/, D2 [paʃi raʀi] ‘asa de carapanã (tipo de mosquito)’
33.	‘comer’	Max <iko>	A1 /ko/, A1 /ku/; D1 /ko/, D2 [ko]
34.	‘facão de chonta’	Max <ipá>	
35.	‘milho’	Max <iti>, <kokoví>	A1 /tʃitʃi/, A2 /tʃitʃi/; D1 /tʃitʃi/, D2 [tʃitʃi]
36.	‘água’	Max <iū>	A1 /i/ ‘líquido’, A2 /i/; D1 /i/ ‘líquido’, D2 [ʔi], [bʒiruʔi]
37.	‘braceletes de borracha do pulso e do joelho’	Max <kapa>	A1 /tʃapati/ ‘bracelete’, /nikati/ ‘pulseira de algodão’, /nikakə/ ‘pulseira de castanha’, A2 /nĩkati/ ‘pulseira da parte superior do braço ou do pulso’, /tʃapati/ ‘pulseira na parte superior do braço’, /atau/ ‘borracha, seringa’; D1 /pɛkə/ ‘bracelete, tornoseleira’, /tʃitoro/ ‘borracha’, D2 [tʃi.toroʔi] ‘borracha (látex)’
38.	‘folha, livro’	Max <karambari>	A1 /tʃarɔ/, /puarɔ/, /puarɔ-tʃɔbi/ ‘folha brava, puçanga’, A2 /kuaro/ ‘folha’, /nĩ/ ‘folha, anzol, agulja, espinho’, /timrəj/ ‘folha’, /tʃaro/ ‘folha’, /tʃawɛw/ ‘folha (de planta usada para limpar a boca antes de mastigar a chicha)’, /tʃokə/ ‘folha (de planta usada para limpar a boca antes de mastigar a chicha)’, /tʃuaro/ ‘folha’, /tʃuarokuo/ ‘folha pintada’; D1 /nĩ/ ‘folha (genérico)’, /tɛəβə/ ‘folha (que nasce no pé de aricuri)’, /tɔkurinĩ/ ‘folha de imbaúba’, /nĩdʒori/ ‘folha (com forma decorada)’, /hɔanĩ/ ‘folha’, /nĩkəkəbɛ/ ‘parte de baixo da folha’, /nĩranĩ/ ‘parte de cima da folha’, /bɛhə/ ‘livro’, D2 [huãnĩ] ‘folha’, [papɛwʔhə] ‘folha de papel’
39.	‘machado’	Max <karawá>	A1 /karawa/, A2 /karawa/; D1 /mĩtə/, D2 [mĩ ^m tə rɔʔkɔ] ‘cabo de machado’
40.	‘pesado’	Max <karikóma>	A1 /komə/, A2 /kumə/; D1 /kumirɔ/ ‘ser pesado’
41.	‘estômago’	Max <keprika>	A1 /prika/ ‘barriga’, A2 /prika/ ‘barriga’; D1 /pika/ ‘barriga’, D2 [piʔka] ‘barriga’
42.	‘cachorro’	Max <kura>	A1 /kora/, A2 /kura/; D1 /βa/, D2 [wa] ‘onça, cachorro’
43.	‘colar’	Max <mahí>	A1 / ^m bə/, A2 /mə/ ‘colar (genérico)’, /məkakə/ ‘colar feito de um único disco chato de concha usado próximo ao peito’, /mɛririku/ ‘colarque atravessa o peito, feito de disco de concha’, /wajnĩɛ/ ‘colar tradicional feito de discos pequenos de caracol’; D1 /bəru/, D2 [bəru]
44.	‘ruindade’	Max <mai>	
45.	‘não’	Max <mai>	A2 /mãj/ ‘não, contraste’; D2 [ma] ‘não enfático’
46.	‘dente (cf. boca)’	Max <mai-šambi-biši>	A1 /tʃokrĩɛ/, A2 /tʃokrihã/; D1 /hɔ/, D2 [rɔ]
47.	‘há ninguém’	Max <mai-ši>	
48.	‘tubo de rapé’	Max <masi>	A1 /pãpã ka/ ‘tubo de rapé’, A2 /kawari/ ‘taboca para rapé’, /nɛtãrã/ ‘bico de taboca de rapé’, /patʃi/ ‘rapé, tabaco, cigarro’, /tãpãj/ ‘taboca para rapé’, /wajku/ ‘taboquinha para soprar rapé’
49.	‘onça’	Max <miopé>	A1 /kora/ ‘onça’, A2 /kura/; D1 /βa/ ‘onça’, /βabɛ/ ‘onça-vermelha’, D2 [wa] ‘onça, cachorro’
50.	‘perna’	Max <mipé>	A1 /krɛ/ ‘perna, coxa’, /kurɛ/ ‘perna, canela’, A2 /kurij/

			‘perna, canela’, /praɪtʃɪ/, /tʃɪ/, /tʃɪku/ ‘perna de baixo’; D1 /hɛtɛ/ ‘coxa, perna’, /dʒiːnɪ/ ‘parte anterior da perna situada entre o joelho e o tornozelo’, D2 [ʔaˈdʒi hi] ‘pelo da perna’
51.	‘abelha’	Max <mipi>	A1 / ^m biɔ/ ‘(termo genérico)’, A2 /mio/ ‘abelha mansa’; D1 /bari/ ‘abelha que corta cabelo’, /dʒɛbzia/ ‘abelha-canudo’, /bɛkotʃi/ ‘abelha-da-terra’, /itɔ/ ‘abelha (certa espécie)’, / ^ɪ nɛ/ ‘abelha (certa espécie)’, /tuiri/ ‘abelha (certa espécie)’
52.	‘macaco assoviador’	Max <mirü>	A1 / ^m biri/ ‘macaco-prego’, A2 /mirə/ ‘macaco-prego’; D1 /bzirɛ/ ‘macaco-prego’
53.	‘mandioca’	Max <moré>	A1 / ^m burɛ/, A2 /murɛ/; D1 /borɛ/, D2 [boˈrɛ] ‘mandioca (planta)’, [boˈrɛˈka] ‘mandioca (raiz)’
54.	‘chá (provavelmente um preparado de erva)’	Max <motón>	
55.	‘flecha’	Max <mū>	A1 / ^m bo/, A2 /mo/; D1 /kubi/, D2 [dʒɛwɛˈtʃa kuˈbi] ‘minha flecha’, [boˈnɪ] ‘flecha com três pontas’, [bɔrɔˈrɔ] ‘tipo de flecha’, [hiraˈhɛ] ‘flecha com a ponta de taboca’
56.	‘perdiz’	Max <muñe>	
57.	‘arco’	Max <nini>	A1 /nɛnɛ/, A2 /nɛnɛ/; D1 /tɛβə/, D2 [tɛˈwa] ‘arco, espingarda’
58.	‘nariz (cf. boca)’	Max <nini-kokne>	A1 /nɪnɪka/, A2 /nɪnɪko/ ‘nariz (burco)’; D1 /nɪnɪkɔtɛ/ ‘nariz, focinho’, D2 [nɪnɪˈkɔ], [nɪnɪˈkɔtɛ], [nɪnɪˈkɔtɛ]
59.	‘outro’	Max <nõ>	A1 /hanaj/ ‘ela, ele, outro’, /tʃanaj/, /tʃi tʃanaj/, /tʃi tʃanaj/ ‘ele (outros)’, A2 /hãñaj/; D1 /rɔˈnɛ/
60.	‘tabaco’	Max <pahí>	A1 /patʃi/ ‘tabaco, cigarro’, A2 /patʃi/; D1 /padzi/ ‘tabaco, fumo’
61.	‘lua (cf. Vênus)’	Max <pakári kapu>	A1 /kupa/, A2 /kupa/; D1 /kupa/, D2 [kʰuˈpa]
62.	‘planeta Vênus (cf. lua)’	Max <pakari newtn>	A1 /warəwarə/, A2 /warəwarə/; D1 /hɔ̃ɛro/
63.	‘esposa’	Max <pakuhé>	A1 /kraɪtʃi/ ‘esposa’, /pakoɛ/ ‘mulher’, A2 /kraɪtʃi/ ‘esposa’, /pakuɛ/ ‘mulher’; D1 /tərorɔ/ ‘ser casado, esposa’, /təro/ ‘esposa’, /pako/ ‘mulher’, D2 [paˈko] ‘mulher’
64.	‘ovo’	Max <paragua>	A1 /rɛ/, A2 /rɛ/; D1 /dʒɛ/, D2 [dʒɛ]
65.	‘galinha’	Max <paūna>	A1 /paonɛ/, A2 /pawɔ̃/; D1 /paro/
66.	‘fogo’	Max <pikü>	A1 /pikə/, A2 /pikə/; D1 /pitʃɛ/, D2 [piˈtʃɛ]
67.	‘papagaio’	Max <pirü>	A1 /torɛɣhɛ/ ‘papagaio’, / ^m brɛ̃ ^m brɛ̃ɪ/ ‘papagaio madeira’, /piapia/ ‘papagaio caboclo, papagaio do peito roxo, papagaio cinzento’, A2 /mrəjmrəj/ ‘papagaio’, /pijapija/ ‘papagaio cinzento’, /prājprāj/ ‘papagaio’, /turəwhɛ/ ‘papagaio estrela’; D1 /ɛruβɛ/ ‘papagaio’, /ɛruβɛːnɪburɔ/ ‘papagaio-estrela’, / ^ɪ mɛ̃rɛ̃ ^ɪ mɛ̃rɛ̃/ ‘papagaio-madeira’
68.	‘fumar’	Max <pitawá>	A1 /ɔ/; D1 /nɔ/
69.	‘borracha’	Max <poriki>	A2 /atau/ ‘seringa, borracha’; D1 /tʃitoro/, D2 [tʃiˈtoroˈʔi] ‘borracha (látex)’
70.	‘mosquito’	Max <porunka>	A1 /pɛ̃rəka/ ‘borrachudo cinzento’, A2 /pɛ̃rəka/

	(<i>Simulium pertinax</i>)		‘borrachudo, pium’; D1 /bokʊtʃiβɛ/ ‘borrachudo’
71.	‘filha (oposta a filho)’	Max <praya>	A1 /tʃitʃi/ ‘filha (chamada pelo pai)’, /kraɪ/ ‘filho, filha’, A2 /kraɟ/ ‘filho, filha, filhote, criança’, /pakuɛkraɟ/ ‘menina, filha’, /tʃitʃi/ ‘filha (de homem)’; D1 /itʃi/, /bətʃi/ ‘filha do meio’;
72.	‘cuia’	Max <premé>	A1 /mɛmɛ/ ‘cuia, cabaça’, A2 /mɛmɛ/; D1 /dʒokorɛkakə/ ‘cuia’, /dʒibɛ/ ‘cabaça’, /koraka/ ‘cabaça’, /pupu/ ‘cumbuca’
73.	‘bem-vindo’	Max <priña>	
74.	‘sepi (?)’	Max <kiki>	
75.	‘menachi (?)’	Max <sakaší>	
76.	‘é’	Max <ši>	
77.	‘cabelo’	Max <ši-kaši>	A1 /kai/, A2 /kai/; D1 /kʊʃhi/ ‘cabelo da cabeça’, /hi/ ‘cabelo’, D2 [kuã'hi], [kua'hi], [hi]
78.	‘colher’	Max <ši-miriko>	A1 /tʃarɛʊ/, /taraɪ/, /kɔpiɛ/, A2 /tʃarɛw/; D1 /tʃokakə/, D2 [tʃoka'kʰə], [tʃuka'kʰə rō hua'rø] ‘colher grande’
79.	‘garganta’	Max <ši-pukome>	A1 / ^m bəpətʃi/, /bəpətʃi/ ‘garganta, goela’, /nəwə/ ‘esôfago’, / ^m bəpətʃokə/ ‘laringe, traqueia’, A2 /rihɛnəwə/ ‘garganta, goela, esôfago’; D1 /borɛkø/ ‘garganta’, /opadzi/ ‘esôfago’
80.	‘boca (cf. nariz)’	Max <ši-šambikokne>	A1 /tʃɛ ^m bikɔ/, A2 /tʃamiko/; D1 /hakø/, D2 [ha'kø]
81.	‘língua’	Max <si dukutora>	A1 / ⁿ dukutərɛ/, A2 /nukutərɛ/; D1 / ⁿ ɔtɛ/, D2 [nō ^m tɛ]
82.	‘saudação (fórmula de saudação)’	Max <tabó>	
83.	‘trazer’	Max <taivé>	A1 /tə/, /nimɛ/ ‘trazer acompanhando’, A2 /tə/ ‘trazer, levar, ter, ser’; D1 /tɛ/
84.	‘mudança’	Max <taivé>	
85.	‘sol’	Max <táxó>	A1 /təha/, A2 /təhã/; D1 /tʃhɔ/, D2 [tʃhō]
86.	‘virada’	Max <takū>	A1 /pari/ ‘virar’, A2 /hãprə/ ‘virar pra ver o rosto’, /rajtātã/ ‘virar’; D1 /pari/ ‘virar’, /bəpari/ ‘virar’, /bɛro/ ‘virar, torcer’, /ka ^m ɛβiri/ ‘virar de borco’
87.	‘anzol’	Max <atiã>	A1 /kunĩ/, A2 /kunĩ/ ‘anzol, agulha, espinho’, /nĩ/ ‘anzol, agulha, espinho, folha’; D1 /ku ⁿ ĩ/, D2 [ku ⁿ ĩ] ‘anzol, espinho, agulha’;
88.	‘cerimônia mortuária’	Max <tapí>	
89.	‘sono’	Max <tiriwa>	A1 /nūtəɾɔ/ ‘sono’, /nūtɛ/ ‘dormir’, A2 /nūtajro/ ‘sono (estar com)’, /nūtɛ/ ‘dormir, pernoitar, morar’; D1 / ⁿ ɔtɛi/ ‘sono’, / ⁿ ɔtɔ/ ‘dormir’, D2 [hø nɔ,tɛʔi'rø βɛ'βɛ] ‘eu estou com muito sono’, [nō ^m tō] ‘dormir’
90.	‘rede de dormir’	Max <tü>	A1 /ti/, A2 /ti/; D1 /tɛtə/, D2 [tɛ'tʰə]
91.	‘sim’	Max <üh üh>	A2 /hã/; D1 /ɛhɛ/;
92.	‘sal (cf. cinzas)’	Max <ukoni>	A1 /kukəni/, A2 /kukəni/; D1 /kukə ⁿ ĩ/
93.	‘estrela’	Max <vira vira>	A1 /wirəwirə/, A2 /wirəwirə/ ‘estrela pequenininha’; D1

			/bzirɛbzirɛ/, D2 [b̄zireb̄zi're] ‘estrela’, [b̄zireb̄zi're t̄jɪt̄ji] ‘estrela grande’, [kurawã ^u t̄ji] ‘um tipo de estrela’
94.	‘caminhada’	Max <riučá> ‘andar’	A1 /kəɾɪ/ ‘andar’, A2 /kəɾəj/ ‘andar’; D1 /dudu/ ‘andar’, D2 [du'du] ‘andar’
95.	‘comido’	Max <yako>	A1 /ko/, /po/ ‘comer’, /ʔu/ ‘comer (frutas), chupar’, A2 /ku/ ‘comer’, /pu/ ‘comer carne’; D1 /ko/ ‘comer’, /po/ ‘comer’
	‘faca’, apenas no manuscrito de Paris	Max <karawa>	A1 /pə/, /karawa/ ‘machado’, A2 /pə/ ‘faca, ponta de flecha de taboca’, /karawa/ ‘machado’; D1 /hakutə/, / ^ʔ mītə/ ‘machado’
	‘joelho’, apenas no manuscrito de Paris	Max <chinipiká>	A1 /mɛpɛ/, /mɛpɛ ʔi/ ‘rótula’, A2 /mɛpɛ/; D1 pɛpɛ/ ‘joelho’, D2 [n̄n̄ ^u kə'ka]

1.2 MORFEMAS LEXICAIS EXCLUÍDOS DA COMPARAÇÃO POR SEREM PROBLEMÁTICOS

4.	‘muito’	Max <'tă, aņi>	
6.	‘peru’	Max <arũ>	
12.	‘sututu (?)’	Max <či-kambũ>, <menga>	
34.	‘facão de chonta’	Max <ipá>	
47.	‘há ninguém’	Max <mai-ši>	
54.	‘chá (provavelmente um preparado de erva)’	Max <motón>	
59.	‘outro’	Max <nõ>	A1 /hanaj/ ‘ela, ele, outro’, /tʃanaj/, /tʃi tʃanaj/, /tʃi tʃanaj/ ‘ele (outros)’, A2 /hãñaj/; D1 /rə ^ʔ nɛ/
73.	‘bem-vindo’	Max <priña>	
74.	‘sepi (?)’	Max <kiki>	
75.	‘menachi (?)’	Max <sakaší>	
76.	‘é’	Max <ši>	
82.	‘saudação (fórmula de saudação)’	Max <tabó>	
88.	‘cerimônia mortuária’	Max <tapí>	

Os treze morfemas lexicais acima se mostram problemáticos. Por exemplo, olhemos as entradas 74. ‘sepi (?)’ e 75. ‘menachi (?)’. Muito provavelmente são termos regionais, mas não estão claros os seus respectivos significados. Rivet (1953) também não pôde traduzi-los, apenas marcou-os com um ponto de interrogação entre parênteses.

Outro exemplo problemático é 76 ‘é’. Visto que nem Djeoromitxí nem Arikapú possuem cópulas ou formas fossilizadas que indiquem a presença de cópulas em estágios anteriores dessas línguas, como podemos reunir formas possivelmente cognatas de <ši>? Ao admitir um morfema como este na comparação, com significado bastante difuso, poderíamos incorrer na aceitação de uma grande latitude semântica entre as formas comparáveis.

Em resumo, optamos por manter estas 13 formas fora, reduzindo o *corpus* de nossa comparação mas considerando os princípios metodológicos do Método Histórico-Comparativo.

1.3 MORFEMAS COGNATOS MAXUBÍ-ARIKAPÚ

2.	‘quente’
Max <ai-kũ> : A1 /kə/, A2 /kə/	
13.	‘morder’
Max <či-kóko> : A1 /koko/ ‘morder’, A2 /kuku/ ‘morder, ferir’, /ku/ ‘morder, mastigar, comer’	
19.	‘mão’
Max <či-nikai-mũ> : A1 /nikai/, A2 /nīkaj/ ‘mão, dedo’	
20.	‘mulher’
Max <či-ninika> : A1 ⁿ du ⁿ duka/ ‘mulher (após a menstruação, adulta)’	
22.	‘ornamento das orelhas’
Max <či-nipurí> : A1 /nipurɛ/, A2 /nīpurɛ/ ‘brinco, orelha’	
39.	‘machado’
Max <karawá> : A1 /karawa/, A2 /karawa/	
42.	‘cachorro’
Max <kura> : A1 /kora/, A2 /kura/	
51.	‘abelha’
Max <mipi> : A1 / ^m biɔ/ ‘(termo genérico)’, A2 /mio/ ‘abelha mansa’	
55.	‘flecha’
Max <mū>, A1 / ^m bo/, A2 /mo/	
57.	‘arco’
Max <nini> : A1 /nɛnɛ/, A2 /nɛnɛ/	
65.	‘galinha’
Max <paūna> : A1 /paonɛ/, A2 /pawɛ/	
70.	‘mosquito (<i>Simulium pertinax</i>)’
Max <porunka> : A1 /pɔrɔka/ ‘borrachudo cinzento’, A2 /pɔrɔka/ ‘borrachudo, pium’	
72.	‘cuia’
Max <premé> : A1 /mɛmɛ/ ‘cuia, cabaça’, A2 /mɛmɛ/	
80.	‘boca’
Max <ši-šambiko-kne> ³ : A1 /tʃ ^m bikɔ/, A2 /tʃamiko/	
81.	‘língua’
Max <sin-dukutora> : A1 / ⁿ dukutɔrɛ/, A2 /nukutɔrɛ/	
	‘faca’, apenas no manuscrito de Paris
Max <karawa> : A1 /karawa/ ‘machado’, A2 /karawa/ ‘machado’	

³ Acreditamos que aqui houve um erro tipográfico no trabalho de Rivet (1953), sendo a forma pretendida *ši-šambi-kone*. Não acreditamos que em Maxubí haja sílabas travadas.

Essas 15⁴ formas cognatas Maxubí-Arikapú constituem evidências lexicais em favor da inclusão do Maxubí na família Jabutí. Além disso, elas também sugerem uma maior proximidade genética entre o Maxubí e o Arikapú. Convém destacar os morfemas do vocabulário básico que ocorrem nestas etimologias: 13. ‘morder’, 19. ‘mão’, 80. ‘boca’ e 81. ‘língua’.

A provável cognicidade destas formas é reforçada pelas correspondências sonoras que encontramos entre as três línguas Jabutí (ver seção 2). Com isso, a semelhança forma-significado entre estes morfemas é melhor explicada por uma possível origem comum que por empréstimo linguístico. Vale ressaltar que o Djeoromitxí, por mecanismos que ainda não sabemos, substituiu estas formas por outras em sua passagem de Proto-Jabutí a língua independente desta família.

1.4 MORFEMAS COGNATOS MAXUBÍ- ARIKAPÚ-DJEOROMITXÍ

3.	‘olho’
Max <akarí> : A1 /hēkarɛ/, A2 /hākarɛ/ : D1 /hɔka/, D2 [hō ^u ka]	
11.	‘carrapato’
Max <čičika> : A1 /tʃitʃika/, A2 /tʃitʃika/ : D1 /tʃitʃika/, D2 [tʃitʃi ^u ka]	
21.	‘orelha’
Max <či-nipuré> : A1 /nipuarɔ/ ‘orelha’, A2 /nīpurɛ/ ‘brinco, orelha’, /nīpwaro/ : D1 / ^ʔ nīpi/, D2 [nī ^m pi]	
23.	‘caminho’
Max <či-vi>, <vi-hi> : A1 /wi/ ‘caminho, linha’, A2 /wɪ/ : D1 /βikɔ/ ‘estrada’, /βi/ ‘vereda’, D2 [wɪkɔ]	
29.	‘banana’
Max <e-rawačə> : A1 /rawatʃi/ ‘banana (termo genérico)’, A2 /rawatʃi/ : D1 /hɔɛtʃitə/ ‘banana (termo genérico)’	
31.	‘casa’
Max <e-riko-ná> : A1 /rɛkɔ/, A2 /rɛko/ : D1 /hikɔka/, D2 [hikɔka]	
33.	‘comer’
Max <i-ko> : A1 /ko/, A2 /ku/ : D1 /ko/, D2 [ko]	
35.	‘milho’
Max <iti>, <kokoví> : A1 /tʃitʃi/, A2 /tʃitʃi/ : D1 /tʃitʃi/, D2 [tʃitʃi]	
36.	‘água’
Max <iū> : A1 /i/ ‘líquido’, A2 /i/ : D1 /i/ ‘líquido’, D2 [ʔi], [bʒiruʔi]	
40.	‘pesado’
Max <kari-kóma> : A1 /komə/, A2 /kumə/ : D1 /kumirɔ/ ‘ser pesado’	
41.	‘estômago’
Max <ke-prika> : A1 /prika/ ‘barriga’, A2 /prika/ ‘barriga’ : D1 /pika/ ‘barriga’, D2 [pika]	
45.	‘não’
Max <mai> : A2 /māj/ ‘não, contraste’ : D2 [ma] ‘não enfático’	

⁴ Como já explicamos acima (nota 1), decidimos manter o morfema <karawa> ‘faca’, retirado do manuscrito de Paris, em uma entrada separada da lista que aqui apresentamos, apenas para ressaltar o fato dele não ocorrer na lista publicada por Rivet (1953). Contudo, como ele é homomorfo ao morfema <karawá> da entrada 39., diferenciando-se deste apenas no significado, não tem porque contá-lo como um morfema distinto. Este é o motivo de contarmos apenas 15, e não 16, prováveis cognatos Maxubí-Arikapú.

52.	‘macaco assoviador’
Max	<mirũ> : A1 / ^m biri/ ‘macaco-prego’, A2 /mirə/ ‘macaco-prego’ : D1 /bzirɛ/ ‘macaco-prego’
53.	‘mandioca’
Max	<moré> : A1 / ^m burɛ/, A2 /murɛ/ : D1 /borɛ/, D2 [bo're] ‘mandioca (planta)’
58.	‘nariz (cf. boca)’
Max	<ninikone> ⁵ : A1 /nīnīka/, A2 /nīnīko/ ‘nariz (burco)’ : D1 / ⁿ nī ⁿ nīkøtɛ/ ‘nariz, focinho’, D2 [nīnī ⁿ kø], [nī ⁿ kø'tɛ], [nīnī ⁿ kø'tɛ]
60.	‘tabaco’
Max	<pahĩ> : A1 /patʃi/ ‘tabaco, cigarro’, A2 /patʃi/ : D1 /padzi/ ‘tabaco, fumo’
61.	‘lua (cf. Vênus)’
Max	<pakári kapu> ⁶ : A1 /kupa/, A2 /kupa/ : D1 /kupa/, D2 [k ^h u'pa]
63.	‘esposa’
Max	<pakuhé> : A1 /pakoɛ/ ‘mulher’, A2 /pakuɛ/ ‘mulher’ : D1 /pako/ ‘mulher’, D2 [pa'ko] ‘mulher’
66.	‘fogo’
Max	<pikũ> : A1 /pikə/, A2 /pikə/ : D1 /pitʃɛ/, D2 [pi'tʃɛ]
77.	‘cabelo’
Max	<ši-kaši> : A1 /kai/, A2 /kai/ : D1 /køhi/ ‘cabelo da cabeça’, D2 [kuã'hi], [kua'hi]
83.	‘trazer’
Max	<ta-ivé> : A1 /tə/, A2 /tə/ ‘trazer, levar, ter, ser’ : D1 /tɛ/
85.	‘sol’
Max	<táxó> : A1 /təha/, A2 /təhã/ : D1 /tøhø/, D2 [tø'hø]
90.	‘rede de dormir’
Max	<tũ> : A1 /ti/, A2 /ti/ : D1 /tətə/, D2 [tɛ'thə]
92.	‘sal (cf. cinzas)’
Max	<ukoni> ⁷ : A1 /kukəni/, A2 /kukəni/ : D1 /kukə ⁿ nī/
93.	‘estrela’
Max	<vira vira> : A1 /wirəwirə/, A2 /wirəwirə/ ‘estrela pequenininha’ : D1 /bzirɛbzirɛ/, D2 [bzirɛbzirɛ]

Essas 25 etimologias constituem evidências lexicais em favor da inclusão do Maxubí na família Jabutí como uma terceira língua independente. Vale ressaltar os termos do vocabulário básico que figuram nestes conjuntos de cognatos: 3. ‘olho’, 21. ‘orelha’, 33. ‘comer’, 36. ‘água’, 41. ‘estômago’, 58. ‘nariz (cf. boca)’, 61. ‘lua (cf. Vênus)’, 66. ‘fogo’, 77. ‘cabelo’, 85. ‘sol’ e 93. ‘estrela’. A suposta cognacidade destas formas é reforçada, conforme já dissemos, pelas correspondências sonoras que encontramos entre as três línguas Jabutí (ver seção 2).

Tendo em mente o limitado registro que temos da língua Maxubí (apenas 96 morfemas lexicais) e o mais limitado ainda *corpus* comparativo com o qual trabalhamos neste artigo (apenas 83 morfemas lexicais), podemos dizer, embora ainda preliminarmente, que as 25 etimologias Maxubí-Arikapú-Djeoromitxí acrescidas às 15 etimologias Maxubí-Arikapú, que apresentamos na

⁵ Acreditamos que aqui houve um erro tipográfico no trabalho de Rivet (1953), sendo a forma pretendida *ninikone*. Possivelmente Maxubí não possui sílabas travadas.

⁶ Provavelmente ocorreu metástase em Maxubí.

⁷ Provavelmente ocorreu aférese em Maxubí.

subseção 1.3, constituem evidências lexicais sólidas que nos possibilitam pensar seriamente na hipótese do Maxubí como uma terceira língua da família Jabutí, geneticamente mais próxima do Arikapú do que do Djeoromitxí.

Para finalizar, essas etimologias também nos mostram como o Djeoromitxí é no nível fonológico a língua menos conservadora da família Jabutí.

1.5 MORFEMAS MAXUBÍ QUE NÃO APRESENTAM COGNATOS DENTRO DA FAMÍLIA JABUTÍ, SEGUNDO OS DADOS EXISTENTES

1.	‘nome’	Max <abikoka>	D1 /tʰhi/, D2 [tʰhí]; A1 /tatʃi/, A2 /tatʃi/ ‘chamar, nome’
5.	‘matado’	Max <aripamú>	D1 /hi/ ‘matar’, /tʰmi/ ‘matar batendo’, /hahi/ ‘morrer’, D2 [tʰmí] ‘matar com a borduna, bater’, [ha’hi] ‘morrer’; A1 /kamɔʃi/ ‘corpo do morto, cadáver, defunto, finado, morrer’, /kʰdə/ ‘flechar, matar, atingir’, /tʰmrē/ ‘matar’, /pi/ ‘morrer’; A2 /konə/ ‘matar, atirar, flechar’, /tʰmrə/ ‘matar a pancada, bater’, /kamɔʃi/ ‘morto’
7.	‘chicha’	Max <averú>	D1 /hibzi/, D2 [hiʰzi]; A1 /tʃuεrə/, A2 /tʃuεrə/
8. ⁸	‘comer da comida’	Max <čibikoko>	A1 /ko/ ‘comer’, A2 /ku/ ‘comer, morder, mastigar, cheirar, tomar’; D1 /ko/, /po/ ‘comer’, D2 [ko] ‘comer’
9.	‘lábio’	Max <či-káti>	D1 /høkə/ ‘lábio inferior’, /høkʰnokoka/ ‘lábio superior’, D2 [røkʰə] ‘lábios’; A1 / ⁿ duku/ ‘lábios’, A2 /nuku/ ‘boca e lábios’, /tʃokə/ ‘lábios, cuspe’
10.	‘campo cultivado’ (roça?)	Max <čiči>	D1 /uruku/ ‘roça’, D2 [dʒewɛʰtʃa ʔuruʰbu] ‘minha roça’; A1 /ʔuruku/ ‘roça. capoeira’, A2 /kukuɛ/ ‘roça não queimada, feita no período chuvoso para plantar milho para mingau’, /məríko/ ‘milho, roça nova’, /uruku/ ‘roça’
14.	‘filho’	Max <či-kombre>	D1 /tə/ ‘filho’, /βikøkø/ ‘filho’, /təkabu/ ‘filho mais novo’, /təpubz̄iro/ ‘filho mais velho’, /təporɛ/ ‘primeiro filho’, /təiti/ ‘último filho’, D2 [tʰə]; A1 /kraʃ/ ‘filho’, /tʃokə/ ‘filho (chamado pelo pai)’, /wikøkə/ ‘filho (usado somente para o sexo masculino)’, A2 /kraʃ/ ‘filho, filha, filhote, criança’, /onəkraʃ/ ‘menino, filho’, /tʃoko/ ‘filho’, /wikoko/ ‘filho’, /itəj/ ‘filhos dos primos’
15.	‘panela’	Max <čimbíbi>	D1 /oa/; A1 /ʔoa/, A2 /ua/
16.	‘cabeça’	Max <či-mé>	D1 /kʰøka/, D2 [kuã ⁿ ka]; A1 /kaɪ/, A2 /kaj/
17.	‘anta’	Max <čimoré>	D1 /hʰøə/, /hʰə/, D2 [hoʰã]; A1 /nəwə/, A2 /nəwə/
18.	‘braço’	Max <či-niká>	D1 /hapa/, D2 [ʔaraʰpa hi] ‘pêlo do braço’; A1 /tʃapa/, A2 /tʃapa/

⁸ Estamos comparando aqui apenas a forma <čibiko> ‘comida’. A forma <ko> ‘comer’, como já demonstramos, possui prováveis cognatos dentro da família.

24.	‘Dioscorea (inhame)’	Max <čorimŭ>	A2 /mu/
25.	‘contas’	Max <komba>	A2 /krahĩrĩð/ ‘miçangas, contas miúdas, minúsculas’, /kra prəjtʃi/ ‘um tipo maior de contas’
26.	‘cacau’	Max <kumbri>	D1 /bziɛtʃɛ/; A1 /ʔapəɾatʃi/ ‘cacau-manso’, A2 /apɿjratʃi/ ‘cacau-do-mato’
28.	‘porco’	Max <enatón>	D1 /paħɛ/ ‘porco-caititu’, /paħɛriorø/ ‘porco-doméstico’, /paħɛri/ ‘porco-queixada’; A1 /koritʃi/ ‘porco’, /koritʃi ^m brəɪ/, /koritʃi niwiɔ/, A2 /kuritʃi/ ‘queixada’
30.	‘flauta’	Max <erikóča>	D1 /opə/, D2 [ʔo'pə]; A2 /məpə/ ‘flauta’, /məpəkraj/ ‘flauta curta’, /məpəɾɛhðtʃi/ ‘flauta longa’, /məpəritio/ ‘flauta furada’, /mikraj məpə/ ‘flauta de Pã’, /turiru/ ‘flauta de quatro furos’
32.	‘moscas’	Max <huainoho>	D1 /kuħɛ ^h nĩ/, D2 [paʔʃi ra'ri] ‘asa de carapanã (tipo de mosquito)’; A1 /ndəððtʃi/ ‘mosca cabeça-branca’, /paʔʃi/ ‘carapanã, pernilongo’, /paʔʃi məõ/ ‘mosquito pequeno’, /paʔʃiɔ məõ ‘tatuquira’, A2 /kutʃio/ ‘mosca-das-frutas’, /wɛɾəmɾəj/ ‘mosca grande’, /paʔʃi/
37.	‘braceletes de borracha do pulso e do Joelho’	Max <kapa>	D1 /pɛkə/ ‘bracelete, tornoseleira’, /tʃitoro/ ‘borracha’, D2 [ʔi,toro'ʔi] ‘borracha (látex)’; A1 /tʃapatɪ/ ‘bracelete’, /nikati/ ‘pulseira de algodão’, /nikakə/ ‘pulseira de castanha’, A2 /nĩkati/ ‘pulseira da parte superior do braço ou do pulso’, /tʃapatɪ/ ‘pulseira na parte superior do braço’, /atau/ ‘borracha, seringa’
38.	‘folha, livro’	Max <karambari>	D1 /nĩ/ ‘folha (genérico)’, /tɛõøβə/ ‘folha (que nasce no pé de aricuri)’, /tõkurinĩ/ ‘folha de imbaúba’, /nĩdʒori/ ‘folha (com forma decorada)’, /ħõanĩ/ ‘folha’, /nĩkøkøbɛ/ ‘parte de baixo da folha’, /nĩranĩ/ ‘parte de cima da folha’, /bɛħə/ ‘livro’, D2 [huã'nĩ] ‘folha’, [papɛw'k ^h ə] ‘folha de papel’; A1 /tʃarɔ/, /puarɔ/, /puarɔ-tʃõbi/ ‘folha brava, puçanga’, A2 /kuaro/ ‘folha’, /nĩ/ ‘folha, anzol, agulja, espinho’, /timɾəj/ ‘folha’, /tʃaro/ ‘folha’, /tʃawɛw/ ‘folha (de planta usada para limpar a boca antes de mastigar a chicha)’, /tʃokə/ ‘folha (de planta usada para limpar a boca antes de mastigar a chicha)’, /tʃuaro/ ‘folha’, /tʃuarokuo/ ‘folha pintada’
42.	‘cachorro’	Max <kura>	D1 /βa/, D2 [wa] ‘onça, cachorro’; A1 /kora/, A2 /kura/
43.	‘colar’	Max <mahí>	D1 /bəru/, D2 [bəru]; A1 / ^m bə/, A2 /mə/ ‘colar (genérico)’, /məkəkə/ ‘colar feito de um único disco chato de concha usado próximo ao peito’, /mɛɾiriku/ ‘colarque atravessa o peito, feito de disco de concha’, /wajnĩɛ/ ‘colar tradicional feito de discos pequenos de caracol’
44.	‘ruindade’	Max <mai>	
46.	‘dente (cf.	Max <mai-šambi-	D1 /ħø/, D2 [rø]; A1 /tʃokrĩø/, A2 /tʃokrihã/

	boca)	biši>	
48.	‘tubo de rapé’	Max <masi>	A1 /pãipã ka/ ‘tubo de rapé’, A2 /kawari/ ‘taboca para rapé’, /nētārã/ ‘bico de taboca de rapé’, /patʃi/ ‘rapé, tabaco, cigarro’, /tãpãj/ ‘taboca para rapé’, /wajku/ ‘taboquinha para soprar rapé’
49.	‘onça’	Max <miopé>	D1 /βa/ ‘onça’, /βabɛ/ ‘onça-vermelha’, D2 [wa] ‘onça, cachorro’; A1 /kora/ ‘onça’, A2 /kura/
50.	‘perna’	Max <mipé>	D1 /hɛtɛ/ ‘coxa, perna’, /dʒiːnĩ/ ‘parte anterior da perna situada entre o joelho e o tornozelo’, D2 [ʔaˈdʒi hi] ‘pelo da perna’; A1 /krɛ/ ‘perna, coxa’, /kurɔj/ ‘perna, canela’, A2 /kurij/ ‘perna, canela’, /prajʃi/, /tʃi/, /tʃiku/ ‘perna de baixo’
56.	‘perdiz’	Max <muñe>	
62.	‘planeta Vênus (cf. lua)’	Max <pakari newtn>	D1 /hõɕero/; A1 /warəwarə/, A2 /warəwarə/
64.	‘ovo’	Max <paragua>	D1 /dʒɛ/, D2 [dʒɛ]; A1 /rɛ/, A2 /rɛ/
67.	‘papagaio’	Max <pirũ>	D1 /ɛruβɛ/ ‘papagaio’, /ɛruβɛːnĩburɔ/ ‘papagaio-estrela’, /mɛrɛːmɛrɛ/ ‘papagaio-madeira’; A1 /torɛɣhɛ/ ‘papagaio’, /mbrɛjːmbrɛj/ ‘papagaio madeira’, /piapia/ ‘papagaio caboclo, papagaio do peito roxo, papagaio cinzento’, A2 /mrɔjmrɔj/ ‘papagaio’, /pijapija/ ‘papagaio cinzento’, /prãjprãj/ ‘papagaio’, /turəwhɛ/ ‘papagaio estrela’
68.	‘fumar’	Max <pitawá>	D1 /nɔ/; A1 /ɔ/
69.	‘borracha’	Max <poriki>	D1 /tʃitoro/, D2 [tʃitoroːi] ‘borracha (látex)’; A2 /atau/ ‘seringa, borracha’
71.	‘filha (oposta a filho)’	Max <praya>	D1 /itʃi/, /bətʃi/ ‘filha do meio’; A1 /tʃitʃi/ ‘filha (chamada pelo pai)’, /kraɪ/ ‘filho, filha’, A2 /kraj/ ‘filho, filha, filhote, criança’, /pakuɛkraj/ ‘menina, filha’, /tʃitʃi/ ‘filha (de homem)’
78.	‘colher’	Max <ši-miriko>	D1 /tʃokakə/, D2 [tʃokakʰə], [tʃukakʰə rō huaːrɔ] ‘colher grande’; A1 /tʃarɛɣ/, /taraj/, /kɔpiɛ/, A2 /tʃarɛw/
79.	‘garganta’	Max <ši-pukome>	D1 /borɛkɔ/ ‘garganta’, /opadzi/ ‘esôfago’; A1 /m̩bɔpetʃi/, /bɔpətʃi/ ‘garganta, goela’, /nəwə/ ‘esôfago’, /m̩bɔpətʃokə/ ‘laringe, traqueia’, A2 /rihɛnəwə/ ‘garganta, goela, esôfago’
84.	‘mudança’	Max <taivé>	
86.	‘virada’	Max <takũ>	D1 /pari/ ‘virar’, /bɔpari/ ‘virar’, /bɛro/ ‘virar, torcer’, /kaːmɛβiri/ ‘virar de borco’; A1 /pari/ ‘virar’, A2 /hãprə/ ‘virar pra ver o rosto’, /rajtãtã/ ‘virar’
87.	‘anzol’	Max <atiã>	D1 /kuːnĩ/, D2 [kuːnĩ] ‘anzol, espinho, agulha’; A1 /kunĩ/, A2 /kunĩ/ ‘anzol, agulha, espinho’, /nĩ/ ‘anzol, agulha, espinho, folha’
89.	‘sono’	Max <tiriwa>	D1 /nɔtɛi/ ‘sono’, /nɔtɔ/ ‘dormir’, D2 [hɔ noːtɛːriːrɔ βɛːβɛ] ‘eu estou com muito sono’, [nɔːtɔ] ‘dormir’; A1 /nūtairɔ/ ‘sono’, /nūtɛ/ ‘dormir’, A2 /nūtajro/ ‘sono (estar com)’, /nūtɔ/ ‘dormir, pernoitar, morar’
91.	‘sim’	Max <üh üh>	D1 /ɛhɛ/; A2 /hɔ/
94.	‘caminhada’	Max <riučá>	D1 /dudu/ ‘andar’, D2 [duːdu] ‘andar’; A1 /kəɣi/

			‘andar’, A2 /kəɾəj/ ‘andar’
95. ⁹	‘comido’	Max <ya-ko>	A1 /ko/, /po/ ‘comer’, /ʔu/ ‘comer (frutas), chupar’, A2 /ku/ ‘comer’, /pu/ ‘comer carne’; D1 /ko/ ‘comer’, /po/ ‘comer’
	‘joelho’, apenas no manuscrito de Paris	Max <chinipiká>	D1 pɛpɛ/ ‘joelho’, D2 [nĩnĩ ¹ kə'ka]; A1 /mɛpɛ/, /mẽpɛ ʔi/ ‘rótula’, A2 /mɛpɛ/

Um fato que nos chama é a quantidade razoável de empréstimos Tupí-Mondé no vocabulário básico Maxubi, como por exemplo, para 50. ‘perna’, temos **Max** <mipé>, empréstimo Tupi-Mondé provavelmente oriundo do Aruá. Como temos empréstimos até de termos do vocabulário básico, o que é menos suscetível de ocorrer e exige um tipo de contato linguístico mais forte, podemos pensar que as línguas as línguas Maxubí e Aruá tiveram um contato consideravelmente forte.

1.6 RESULTADO PRELIMINAR DA COMPARAÇÃO LEXICAL ENTRE AS LÍNGUAS JABUTÍ

Apresentamos o seguinte quadro com vistas a sintetizar a comparação lexical realizada nesta seção:

Nº total de morfemas Maxubí	96	
Nº total de morfemas Maxubí excluídos da comparação	13	
Nº total de morfemas Maxubí comparáveis	83	100%
Nº total de prováveis cognatos Maxubí-Arikapú	15	18%
Nº total de prováveis cognatos Maxubí-Arikapú-Djeoromitxí	25	30%
Nº total de formas Maxubí que não apresentam prováveis cognatos	43	52%

2. APRESENTANDO CORRESPONDÊNCIAS

2.1 CONSOANTES

Jab¹⁰ p

⁹ Estamos comparando aqui apenas a forma <ya->. O verbo <ko>, como já demonstramos, apresenta prováveis cognatos dentro da família Jabutí.

/#_

Mx <p> : Ar /p/ : Dj /p/

Ex.: 60, 63, (65)¹¹, 66, (70)

/#_r

Mx <p> : Ar /p/ : Dj /p/

Ex.: 41

Mx <p> : Ar /m/

Ex.: (72)

/V_V

Mx <p> : Ar /p/ : Dj /p/

Ex.: 21, (22), 61

Jab t

/#_V [+ post]

Mx <t> : Ar /t/ : Dj /t/

Ex.: 83, 85, 90

/V_V [+ post]

Mx <t> : Ar /t/

Ex.: (81)

Jab k

/#_V [+ post]

¹⁰ Jab = Jabutí. Nós não reconstruímos ou pretendemos reconstruir proto-fonemas aqui. Nós só adotamos essa disposição dos dados, escolhendo uma forma virtual comum para ilustrar as correspondências, com vistas a melhor apresentar as etimologias aqui reunidas.

¹¹ As numerações entre parênteses significam que as formas comparadas são encontradas apenas em Maxubí e Arikapú.

Mx <k> : Ar /k/ : Dj /k/

Ex.: (2), 8, (13), 27, 33, (39), 40, (42), 61, 77, 95, Ms. Paris

/V_V [+ post]

Mx <k> : Ar /k/ : Dj /k/

Ex.: 3, 11, (13), (19), (20), 31, 41, 58, 63, (70), (80), (81), 92

/i_e

Mx <k> : Ar /k/ : Dj /tʃ/

Ex.: 66

Jab tʃ

/_V [+ ant, + alta]

Mx <č> : Ar /tʃ/ : Dj /tʃ/

Mx <t> : Ar /tʃ/ : Dj /tʃ/

Ex.: 11, 29, 35

/_V [+ post]

Mx <š> : Ar /tʃ/

Ex.: (80)

/V_V [+ ant, + alta]

Mx <š>: Dj /h/ (/ħ/) : Ar Ø

Ex.: (77)

Mx <h> : Ar /tʃ/ : Dj /dʒ/

Ex.: 60

Jab b

/#_i

Mx <m>: Ar /^mb/ (A1), /m/ (A2) : Dj /bz/

Ex.: (51), 52, (51)

/#_V [+ post, + alta]

Mx <m> : Ar /^mb/ (A1), /m/ (A2) : Dj /b/

Ex.: 53

Jab d

/#_

Mx <d> : Ar /ⁿd/ (A1), /n/ (A2)

Ex.: (81)

/#_V [+ alta, -nas]

Mx <n> : Ar /ⁿd/ (A1)

Ex.: (20)

Jab m

/#_V [+ nasal]

Mx <m> : Ar /^mb/ (A1), /m/ (A2) : Dj /m/

Ex.: 45

/V_V [+ nasal]

Mx <m> : Ar /m/ : Dj /m/

Ex.: 40, (72)

Jab n

/#_V [+ant, +nas]

Mx <n> : Ar /n/ : Dj /^ɾn/

Ex.: (19), 21, (22), (57), 58

/V_V [+ nasal]

Mx <n> : Ar /n/ : Dj /^ɾn/

Ex.: (57), 58, (65), 92

/V_V [+ant, + alta]

Mx <n> : Dj /t/

Ex.: (58)

Jab w

/_i

Mx <v> : Ar /w/ : Dj /β/¹²

Ex.: 23

Mx <v> : Ar /w/ : Dj /bz/

Ex. 93

/V_V

Mx <w> : Ar /w/ : Dj Ø

Ex.: 29, (39), Ms. Paris

/V_

Mx <ū> : Ar /o/ (A1), /w/ (A2)

¹² Adotamos a forma /β/ conforme fonemizada por M. Ribeiro (2008). Este fonema, conforme os dados de nosso trabalho de campo indicam, possui dois alofones: [w] /_V [+ post] e [β] /_V [+ anterior]. Sincronicamente, a melhor forma de representar este fonema é β, pois ele é de maior ocorrência que w; contudo, olhando diacronicamente, a melhor forma de representar este fonema seria w, pois o alofone β se originou da passagem do proto-Jabutí *w [w] para o Djeoromitxí /β/ [β], [w];

Ex.: (65)

Jab r

/#_

Mx <r> : Ar /r/ : Dj /h/¹³

Ex.: 29, 31

/V_V

Mx <r> : Ar /r/ : Dj /r/

Ex.: 3, 21, (22), (39), (42), 52, 53, (70), (81), (93), Ms. Paris

/p_V

Mx <r> : Ar Ø

Ex.: (72)

Mx <r> : Ar /r/ : Dj Ø

Ex.: 41

Jab h

/V_V

Mx <x> : Ar /h/ : Dj /h/

Ex.: 85

Mx <h> : Ar Ø

Ex.: 63

¹³ Adotamos a forma /h/ conforme fonemizada por M. Ribeiro (2008). Dados de nossa pesquisa de campo indicam apenas o alofone [h] para este fonema. Contudo, mais pesquisa deve ser feita para de fato sabermos se este fonema se realiza faringal ou glotal.

2.2 VOGAIS

Jab a

/C_C

Mx <a>, <á> : Ar /a/ : Dj /a/

Ex.: 3, (19), (39), 45, 60, 63, (65), Ms. Paris

/C_#

Mx <a>, <á> : Ar /a/ : Dj /a/

Ex.: 11, (20), (39), 41, (42), 61, (70), Ms. Paris

Mx <a> : Ar /ɛ/

Ex.: (81)

Mx <a> : Ar /ə/ : Dj /ɛ/

Ex.: 83, (93)

Jab ε

/C_#

Mx <e> : Ar /i/ : Dj /i/

Ex.: 29

Mx <e> : Dj /ɛ/

Ex.: 58

/C_#

Mx <é> : Ar /ɛ/, /ɛ̃/ (A2), /ɔ/

Ex.: 21, 63, (72)

Mx <é>, <í> : Ar /ɛ/ : Dj /ɛ/

Ex.: 3, (22), 53

Jab i

/C_

Mx <i> : Ar /i/ : Dj /i/

Ex.: 35

/C_C

Mx <i> : Ar /i/ : Dj /i/

Ex.: 11, 41, (51), 52, 66, (80), 93

Mx <i> : Ar /u/

Ex.: (20)

Mx <i> : Ar /ɛ/ : Dj /i/

Ex.: 31

/C_#

Mx <i>, <í> : Ar /i/, /ɪ/ (A2) : Dj /i/

Ex.: 23, 35, 60, 77

Jab i

/#_#

Mx <iū> : Ar /i/ : Dj /i/

Ex.: 36

Jab o

/C_C

Mx <o>, <ó>, <u> : Ar /o/ (A1), /u/ (A2): Dj /o/, /u/

Ex.: 40, (42), 53, 63

Mx <o> : Ar /a/ (A1), /o/ (A2) : Dj /ø/

Ex.: 58

/_#

Mx <o>, <ū> : Ar /o/ (A1), /u/ (A2) : Dj /o/

Ex.: 8, (13), 27, 33, (55), 95,

/_#

Mx <o> : Ar /ɔ/ (A1), /o/ (A2) : Dj /ø/

Ex.: 31, (80)

Jab u

/C_C

Mx <u> : Ar /u/ : Dj /u/

Ex.: (22), 61, (81), 92

Mx <u> : Ar /u/ : Dj /i/

Ex.: 21

Jab ə

/C_C

Mx <o> : Ar /ə/ : Dj /ə/

Ex.: (81), 92

/_#

Mx <ü> : Ar /ə/, /i/ : Dj /ɛ/

Ex.: (2), 52, 66

Mx <ũ> : Ar /i/ : Dj /ə/

Ex.: 90

Jab ã

/#_

Mx <a> : Ar /ẽ/ (A1), /ã/ (A2) : Dj /ɔ/¹⁴

Ex.: 3

/C_C [+ nasal]

Mx <am> : Ar /ẽ/ (A1), /a/ (A2)

Ex.: (80)

/C_C

Mx <a>, <á> : Ar /a/, /ə/ : Dj /ɔ/

Ex.: 29, 77, 85

Mx <ó> : Ar /a/ (A1), /ã/ (A2) : Dj /ɔ/

Ex.: 85

Jab ɛ

/C_C

Mx <e> : Ar /ɛ/ (A1), /ẽ/ (A2)

Ex.: (72)

¹⁴ Adotamos a forma /ɔ/conforme fonemizada por M. Ribeiro (2008). Dados de nosso trabalho de campo indicam apenas o alofone [õ] para este fonema. Contudo, mais pesquisa deve ser feita para sabermos ao certo se este fonema se realiza aberto ou fechado.

/C [+ nasal] _

Mx <i> : Ar /ɛ/ (A1), /ɛ/ (A2)

Ex.: (57)

Jab ĩ

/C [+ nasal] _

Mx <i> : Ar /i/ (A1), /ĩ/ (A2) : Dj /ĩ/

Ex.: (19), 21, (22), 58, 92

Jab ɔ

/C_C

Mx <o>, <un> : Ar /ɔ̃/

Ex.: (70)

/C [+ nasal] _#

Mx <a> : Ar /ɔ̃/

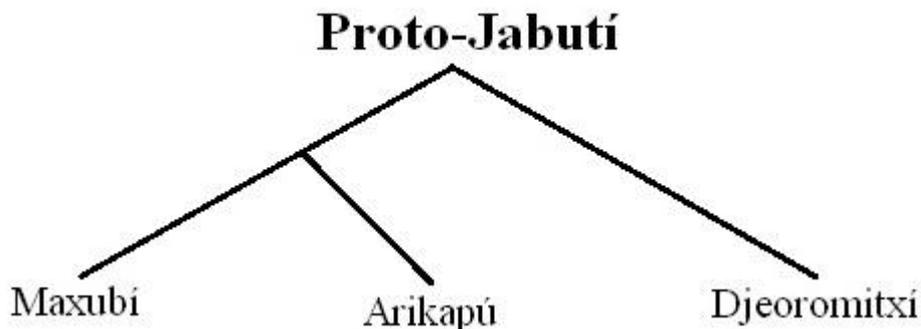
Ex.: 40, (65)

3. MODELO ARBÓREO DA FAMÍLIA JABUTÍ

Esboçamos um modelo arbóreo para a família Jabutí. Assumimos aqui que, devido em parte ao atual estado-da-arte dos estudos sobre esta família, um subagrupamento das línguas pertencentes a esta unidade genética é tentativo, pois de acordo com os procedimentos do Método Histórico-Comparativo: a) o único critério para subagrupar línguas geneticamente relacionadas são as inovações compartilhadas; b) estas inovações devem ser fonológicas, morfológicas e sintáticas; c) o sucesso de uma proposta de subagrupamento depende diretamente da acuracidade da reconstrução da língua ancestral comum às línguas em foco na subdivisão (cf. Campbell, 2013, p. 175-183; Antilla, 1972, p. 300-304).

No caso da família Jabutí, não há como saber quais inovações são compartilhadas, em termos morfossintáticos, visto que o Maxubi está extinto. A possibilidade de comparação é apenas entre o Arikapú e o Djeoromitxi, embora possamos contar apenas com esboços de gramáticas e dicionários dessas duas línguas.

Decidimos, entretanto, apresentar uma proposta de representação arbórea da família Jabutí com base na comparação fonológico-lexical que empreendemos neste trabalho.



4. ALGUMAS CONCLUSÕES

Por meio da comparação fonológico-lexical que realizamos neste trabalho, apresentamos evidências que sugerem fortemente ser o Maxubi uma terceira língua da família Jabutí. Deste modo, reforçamos a hipótese de Loukotka (1963, 1968), na qual a família Jabutí é constituída por três línguas – Djeoromitxi, Arikapú e Maxubi.

Demonstramos que o Maxubi é geneticamente mais próximo do Arikapú que do Djeoromitxi. Mostramos como o Maxubi é bastante conservador no nível fonológico, assim como o Arikapú. Chamamos a atenção para a quantidade de empréstimos Tupi-Mondé que o Maxubi possui, que possivelmente entraram nesta língua via Aruá. Muitos destes empréstimos se encontram no vocabulário básico.

BIBLIOGRAFIA

AIKHENVALD, A. Y.; DIXON, R.M. W. (org.). **The Amazonian languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

ANTILLA, R. **An introduction to historical and comparative linguistics**. Nova York: The Macmillan Company, 1972.

CABRAL, A. S. A. C.; OLIVEIRA, G. B. V. **A questão do Jabutí, do Chiquitano e do Guató no tronco Macro-Jê.** (em preparação).

CAMPBELL, L. R. **American Indian Languages: The Historical Linguistics of Native America.** New York: Oxford University Press, 1997.

_____. **Historical linguistics: an introduction.** 3. ed. Cambridge: The MIT Press, 2013.

Caspar, Franz. (1955a). *A expedição de P.H. Fawcett à tribo dos Maxubi em 1914.* In **Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas, 113-120, São Paulo.**

FAWCETT, P. H. Bolivian Exploration, 1913-1914. **The Geographical Journal**, Londres, v. 15, p. 219-228, 1915.

_____. **Exploration Fawcett.** London: Hutchinson, 1953.

KAUFMAN, T. Language history in South America: What we know and how to know more. In: PAYNE, D (org.). **Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages.** Austin: University of Texas Press, 1990, p. 13-73.

_____. The native languages of South America. In: MOSELEY, C; ASHER R. E. (org.). **Atlas of the world's languages.** London: Routledge, 1994, p. 46-76

LOUKOTKA, C. Klassifikation der südamerikanischen Sprachen. In: **Zeitschrift für Ethnologie**, 74 (1/6): 1-69, 1942.

_____. La parenté des langues du bassin de la Madeira. In: **Lingua Posnaniensis**, 2: 123-144, 1950.

_____. Documents et vocabulaires inédites de langues et de dialectes sud-américains. **Journal de la Société des Americanistes**, Paris, 1963, t. 52, p. 7-60

_____. **Classification of South American Indian Languages.** Los Angeles: Latin American Center, University of California, 1968.

MEILLET, A. **The Comparative Method in Historical Linguistics.** Paris: Librairie Honoré Champion, 1967.

RIBEIRO, E. R. Macro-Jê. In: Keith Brown. (Org.). **Encyclopedia of Language & Linguistics.** Oxford: Elsevier, 2006, v. 7, p. 422-426.

RIBEIRO, M. A. **Dicionário Djeoromitxi–Português: Registro da diversidade lingüística do povo Jabuti.** 2008. 156. f. Dissertação (mestrado em Linguística) – Departamento de Letras e Pedagogia, Unir, Guajará-Mirim.

RIBEIRO, R M. d. L. **Dicionário Arikapu/Português: Registro de uma língua indígena amazônica.** 2008. 209. f. Dissertação (mestrado em Linguística) – Departamento de Letras e Pedagogia, Unir, Guajará-Mirim.

RIVET, P. Langues Americaines. In: MEILLET, A.; COHEN, M. **Les Langues du Monde (Collection Linguistique, 16).** Paris: Société de linguistique de Paris, 1924, p. 597-712

_____. La langue Mašubi. **Journal de la Société des Américanistes**, Paris, t. 52, p. 119–126, 1953.

TOVAR, A.; TOVAR, C. L. **Catálogo de las lenguas de América del Sur.** 9. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1984.

VOORT, H. v. d..Proto-Jabutí: um primeiro passo na reconstrução da língua ancestral dos Arikapú e Djeoromitxí. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas** v. 2, p. 133-168, 2007.

_____. Whatever happened to Mashubi? Taking a new look at Fawcett s vocabulary. **Cadernos de Etnolingüística**, v. 4, p. 1-20, 2012.

VOORT, H. v. d.; ARIKAPÚ, M.; ARIKAPÚ, N.; ALVES, A. C. F. **Vocabulário Arikapú-Português**. Cadernos de Etnolingüística, Série Monografias.. 1. ed. Etnolingüística, v. 1. 70p, 2010.